

## **O FAZER E O DIZER DE GÊNEROS NOS “FORRÓS” E NAS ARGOLINHAS: IDENTIDADES NAS TRAMAS CULTURAIS**

Janielly Souza dos Santos<sup>1</sup>

Regina Coelli Gomes Nascimento<sup>2</sup>

A possibilidade de fazer sonhar pela escrita é o que estimula o historiador a atuar como personagem nos (des)caminhos da história. Personagem que além de escrever sobre os outros, escreve sobre si. Neste contexto, a solidariedade a ALBUQUERQUE JR. (2007) se faz evidente quando ele coloca que “[...] as narrativas que fazemos de um dado acontecimento têm a nossa própria participação. Nós também entramos no jogo quando se trata de escrever a História.” (p.178)

Neste campo de ação, o historiador aparece como um personagem que não se coloca como central, o protagonista, nem impõe este, mas como um personagem que desenvolve um papel, uma atuação, assim como os demais personagens produtores da encenação histórica. Um personagem que não se apaixona por ‘um’ sujeito e o coloca como ponto de referência, mas que se encanta pela multiplicidade do singular em cada sujeito.

Pensar a história, nesta concepção, é percebê-la como arte construída por sujeitos comuns, no desenlace do seu cotidiano. Na perspectiva de uma reflexão cultural, o homem comum, ordinário como diz CERTEAU (2007), é o locutor e o sábio. “O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.” (p.63)

Diante destas concepções, analisar os papéis do masculino e do feminino, construídos historicamente, nos processos de sociabilidades culturais, mediados pelas práticas dos “forrós” e das argolinhas no município de Baraúna – PB, nas décadas de 50 e 60 do século XX, a partir das identidades inscritas pelos sujeitos que viveram estes espaços, pelas possibilidades de convivência, da multiplicidade desconcertante dos relacionamentos, emerge como uma pesquisa que toca. Que instiga a pensar os gêneros,

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

<sup>2</sup> Orientadora. Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

masculino e feminino, em meio a regras, códigos comportamentais do seu dia-a-dia, bem como, aos desvios desses códigos, pela transitoriedade das experiências cotidianas, pelos jogos identitários móveis e plurais que constroem.

Pensar os estudos de gênero no cenário da historiografia brasileira contemporânea é nos debruçarmos sobre um terreno rico em reflexões, na medida em que busca problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da categoria de gênero e da dimensão relacional que ela abrange. Nesta perspectiva, STEARNS (2007) propõe “[...] um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.” (p.16)

Neste campo reflexivo RAGO (1998) nos atenta para a necessidade de problematizarmos as diferenças instituídas entre os gêneros, masculino e feminino, como fruto de construções históricas e culturais. MATOS (1998), também analisa esta possibilidade de reflexão, acrescentando a ela a observação de que estas diferenças não estão localizadas num ponto fixo – o masculino –, mas que estão presentes nas tramas históricas.

As experiências guardadas na memória, ao serem convidadas à arte do dizer, fazem com que práticas cotidianas de espaços habitados e temporalidades múltiplas venham à tona para uma análise do social, do cultural. Neste sentido, os relatos orais inscrevem regras propostas ao masculino e ao feminino, bem como, ações criativas. Vejamos uma, que emerge a partir de dona J.M.N. (69 anos), sobre os “forrós”, que nos ajuda a refletir uma regra e a possibilidade do seu dribble:

“Agora só que tinha uma coisa, que a gente não podia dá corte em cavaleiro, é, se desse um corte num cavaleiro ficava logo num canto de parede, lá [...] que num dançava mais não, tinha que dançá, que gostasse bem, que num gostasse tinha que enfrentar. Eu era meia sapeca, aí o cavaleiro que eu não gostava de dançá cum ele, eu pisava nos pés dele pra ele num chamar nunca mais eu, porque eu tinha um namorado, né, aí o meu namorado num gostaria que eu dançasse cum soutros, mas tinha que í [...] o cavaleiro chamasse a pessoa, a pessoa tinha que í, né, aí o meu namorado num gostava que eu fosse dançá cum outro, aí então eu fazia isso, quera pra só pra dançá cum meu namorado, né.”

Neste relato, a senhora J.M.N. propõe, a partir de suas experiências, identidades conflitantes. No instante em que os códigos sociais apontavam para a necessidade de dançar com todos os cavaleiros que a convidassem, e o seu namorado não gostava que ela dançasse com os outros cavaleiros; ela assume outra possibilidade, não rompendo diretamente com as regras de conduta, com os códigos sociais e culturais propostos, mas

tomando posição ao optar pelos anseios do namorado e seus anseios, propondo uma tática para burlar o instituído, pisar no pé do cavaleiro indesejado.

Um possível de táticas se coloca diante dos espaços do bailar, dos relacionamentos entre o gênero, e os códigos sociais e culturais propostos. As diversas maneiras de utilizar o instituído propõem a instauração de uma multiplicidade de jogadas sem sair deste espaço. Segundo CERTEAU (2007), “[...] essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado [...] uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano.” (p.41)

Neste contexto, pensar a construção de identidades a partir dos “forrós em Baraúna – PB é perceber que os sujeitos assumem identidades múltiplas e ambíguas, de acordo com os sentidos que lhes cercam nas vivências cotidianas. Para uma moça à época, a senhora J.M.N. especificamente, que estava vivenciando, no início da década de 50, um enlace amoroso; seria mais interessante, num determinado momento do “forró” assumir os anseios propostos pela sociedade ou os anseios ligados a sua vivência amorosa? Vale observar que estas duas opções não eram as únicas possibilidades existentes, esta questão não deve ser entendida a partir da dualidade.

A partir dessa situação conflitante vivida por dona J.M.N., é possível perceber a confluência de identidades múltiplas; pois ao mesmo tempo, que se identificava com os anseios do namorado, ela assumia uma identidade ligada à sociedade, um não rompimento direto com os códigos propostos, seja pelo próprio sentido de pertencimento que produzia para si e/ou para os outros. Neste âmbito, convém comungar com HALL (2006), quando ele afirma,

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (p. 13)

Nas vivências dos “forrós” os jovens, de outrem produziram múltiplas identidades, e os idosos de hoje pelas falas das memórias constroem um complexo emaranhado de significações de identidades, para si e para a história que se escreve a partir destas experiências narradas. As identidades durante o desenlace da vida dos sujeitos vão sendo negociadas.

Partindo desta perspectiva, DELGADO (2006) nos atenta para percebermos que “[...] entre os muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente.” (p.22). O sujeito social constrói seus códigos culturais no tempo, ele se faz no tempo, se inscreve e é escrito no tempo, e/ou a partir deste.

As memórias, neste campo de reflexão, devem ser percebidas pelas multiplicidades, sujeitas a constantes deslocamentos, seja, pelo narrador que faz uso da oralidade, seja, pelo historiador que faz uso da escrita. Ambos os personagens se colocam como sujeitos múltiplos das memórias.

O historiador, neste espaço de movimentação, assume outro papel, o de ‘colonizar’<sup>3</sup> as memórias através da escrita; e esta atuação exige muitos cuidados, pois os códigos escriturísticos podem deixar à margem os gestos e as afetividades que permeiam as memórias, que emergem pela oralidade.

Diante do exposto, trabalhar com as narrativas de memórias não se consolida em caminho fácil, reto, a ser seguido, mas em trajetórias tortuosas; porém, rica na medida em que estão em jogo os sujeitos sociais e culturais, suas significações sobre si e sobre o mundo que lhes cercou e lhes cerca. Neste âmbito, ALBUQUERQUE JR. (2007) nos afirma, “[...] a história oral faz de sua (in)definição ou de sua (im)possibilidade o seu charme.” (p.243). A pluralidade das significações das experiências em cada sujeito se inscreve na linguagem, que mesmo depois de escrita, possibilita construir a História na sua multiplicidade, nos seus lances.

Memória como experiência. Experiência que passa, acontece e toca. Não como vivência instantânea, que atravessa, excita, agita, mas nada acontece. Em LARROSA (2004), percebemos que “[...] é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e ao nos passar nos forma e nos transforma.” (p.163)

Neste campo de ação da memória, o costume emerge como parceiro na produção de identidades, principalmente quando ele assume o papel de construção histórica e social que toca o sujeito, experiência que acontece no sujeito. Contudo, é necessário observar, assim como ALBUQUERQUE JR. (2007), que “[...] o costume não é algo que se impõe de forma completa a um indivíduo; o costume não é sempre semelhante a si mesmo, mais ao contrário, está sempre em mutação.” (p.125)

---

<sup>3</sup> No sentido de instituir documentação, domesticar o passado.

No momento em que o costume não se impõe a um indivíduo, adquirindo mutações, este é significado diferentemente por cada sujeito habitante dos espaços dos “forrós”, e estas significações vão produzir ações de legitimação do costume, e/ou de drible. A inventividade do sujeito pode entrar em campo ou não no cotidiano dos “forrós”, a exemplo do que nos narrou à senhora J.M.N. anteriormente, quando nos falou da tática de pisar no pé do cavaleiro que não quisesse dançar com ele. E a exemplo do que nos narra o mestre-sala, o senhor C.L.C. (62 anos),

“Tinha o sofoneiro era, era, aquelas pessoa e eu ia. Agora tinha um cara, que quando cheguei assim, repara, já era quase uma graça, tinha cara que chegava, que num quiria pagá a cota, aí mudava a camisa, ia lá butava a camisa, ou butava um boné, aí chegava no mei da sala, eu cobrava a cota de dez, doze, quinze, vinte, mais ele achava que ele ia ficá perdido aí pa num pagá a cota, aí quando chegava lá dizia assim ‘ei, meu amigo vamo pagá a cota’, ele disse ‘e, eu num já paguei’, eu digo ‘aonde’, ele disse ‘aqui’, eu digo ‘a mim você num pago não vice, é tanto que você num pagou que você butou esse bonezim, quera pra dize que você, que tinha pagado, e mudou essa camisa pra dizê que você, que tinha pagado’, aí você mudou de coisa, que’u quano eu, quano eu, quano eu vou tomá a cota, eu verifico a camisa, o feito, que você produz, se você pagou e se num pagô’. Eu num precisava de lista, era difícil [...]”

É interessante perceber que os indivíduos utilizam de sua inventividade em diferentes momentos do seu cotidiano, e dos espaços dos “forrós”. Um código comportamental pode ser adotado por alguns e negado e/ou ressignificado por outros. Podemos observar isso, no instante em que a ‘cota’ deveria ser paga pelo homem, e a maioria o faz, mas existe pelo menos um, que tentam fugir ao código, mesmo sofrendo as consequências, não dançar mais.

Da mesma forma, que um indivíduo que absorveu uma regra para fazer efetivar no seu cotidiano pode não absorver outra regra e/ou costume; ou ainda, ressignificar tão sutilmente que os demais sujeitos não consigam perceber. São possibilidades que emergem pela atuação dos personagens no jogo da vida e do viver em sociedade, do experimentar e reelaborar a(s) cultura(s) e suas práticas.

Nesse jogo de constituição dos gêneros, e da própria história, em meio a seus espaços de experiências, a memória e a identidade assumem posições de sustentação, no instante em que seus múltiplos cruzamentos abrem o leque de possibilidades para os sujeitos, masculinos e femininos, projetarem-se. Deste modo, pensar as construções dos gêneros é perceber eles acontecendo nas suas memórias, nas suas identidades que emergem; assim como, pensar o relacionamento que estes estabelecem com as

memórias que narram, dos “forrós” e das argolinhas. Porém, não podemos esquecer que os homens e a mulheres se fazem no tempo e nos espaços sociais que habitam. Neste caso, se fazem nos “forrós” e nas argolinhas, mas não somente nestes espaços; e também não somente nesta temporalidade vivida, mas nos movimentos que realizou até aqui.

Diante destas considerações, problematizar a consolidação identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais das argolinhas, refletindo os lugares atribuídos historicamente ao homem e a mulher envolve esta possibilidade de desnaturalização das diferenças. Envolve ainda a dimensão relacional do gênero, na medida em que a sociabilidade cultural favorece a intensificação dos relacionamentos e das práticas de diferenciação.

Nisso, convém notar a reflexão que MEYER (2007) faz sobre os processos de diferenciação dos gêneros: “[...], o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os [...]” (p.16)

Nas argolinhas os papéis de gênero estavam demarcados pela prática do divertimento e pela sociedade. Os homens corriam nos cavalos, jumentos ou bicicletas<sup>4</sup> com o objetivo de apanhar a argola de seu partido, simbolizado pela cor vermelha ou azul; conseqüentemente buscando a vitória, e a se fazerem admirados pelas mulheres, ou mesmo, pelos seus companheiros, como exímios corredores. As mulheres ocupavam o papel de admiradoras assíduas, torcedoras dos homens e do partido desejado. É o que nos evidencia um verso da época:

“Turcia pelo azul  
Nova de Chico Vicente  
E Severina Bezerra  
Porque também era decente  
A finá desse partido  
Ali tinha muita gente.”<sup>5</sup>

Neste verso ainda fica evidente duas propostas culturais da sociedade e do período temporal em estudo, que emergiram a partir do gênero masculino, da voz do

---

<sup>4</sup> Cabe observar que havia as argolinhas de cavalos, as de jumentos e as de bicicletas, não podia estes três elementos, participarem juntos numa mesma argolinha.

<sup>5</sup> Verso recitado pelo senhor D.F.S., construído nas experiências das argolinhas em 50 e 60, em 01/10/2009.

senhor D.F.S. (83 anos). A primeira quando faz menção as mulheres serem decentes; e a segunda, quando estas mulheres são colocadas a partir nos nomes de figuras masculinas, sejam eles pais ou esposos. Neste contexto, percebemos o estabelecimento de jogos de diferenciação entre os papéis de homens e de mulheres; mas essa diferenciação é também possibilitada pela intensificação dos relacionamentos entre os gêneros nas práticas das argolinhas.

É ainda necessário observar que nesse jogo, a atuação de poder<sup>6</sup> é evidente. Num primeiro momento, porque muitos homens não corriam nas argolinhas por não possuir os instrumentos necessários, principalmente o cavalo, o jumento e/ou a bicicleta. Num segundo momento, porque havia uma hierarquia estabelecida de alguns usos das argolinhas: os homens que detinham os instrumentos de corrida, e por isso, usufruíam do prazer de correr; os homens que podiam correr, mas não possuíam os instrumentos necessários; e as mulheres que não podiam correr.

Tanto nos “forrós”, quanto nas argolinhas, os códigos comportamentais e as hierarquias de gêneros eram evidenciados, principalmente porque os olhos vigilantes se colocavam. O que não significa dizer que as redefinições destes códigos eram impossíveis, embora que de formas sutis, as possibilidades poderiam emergir a qualquer momento.

Esta reflexão no remete a CERTEAU (2007), quando este discute os conceitos de estratégias e táticas. A estratégia está para o instituído, à procura de postular um lugar, um lugar de poder – um código comportamental que se procura efetivar. Já a tática está para um não-lugar, para jogar com o que lhe é imposto, o terreno do outro – a quebra de códigos comportamentais, mesmo que de maneira sutil. A prática do namoro era bem vigiada pela sociedade, que estabelecia as normas de comportamento. As estratégias se colocavam.

Todo um conjunto de códigos comportamentais, deveria ser respeitados na construção do namoro, que se iniciava no flirt<sup>7</sup>. O caminho a ser percorrido pelos gêneros, masculino e feminino, até alcançarem o matrimônio era perpassado por jogos de linguagem<sup>8</sup>, sejam elas corporais, gestuais, e/ou nos usos das palavras. Neste âmbito, jogos de linguagem produzidos em meio à racionalidade do que deveria ser, como os

---

<sup>6</sup> Aqui analisados como procura de legitimação de lugares.

<sup>7</sup> De acordo com SILVEIRA (1959), “O flirt é uma troca de olhares. E’ talvez o início normal de quase todos os namorados, ou melhor, da maioria deles. Muitas vezes, um homem atraído por uma mulher segue-a olhando insistentemente. Se o olhar é correspondido, ele pode atrever-se a dirigir a palavra à mulher, e daí talvez resulte o namoro. Isso é o flirt.” (p.6)

<sup>8</sup> Observamos aqui a linguagem como uma ação, um comportamento, uma atividade de vida.

corpos<sup>9</sup> masculinos e femininos deveriam se comportar, e a redefinição desta racionalidade. Na caminhada aos “forrós”, e durante os mesmos, os namorados deveriam estar atentos as aos códigos comportamentais vigentes para o enlace, mas em face, a um cotidiano fugidio, as linguagens corporais, gestuais, verbais, mesmo vigiados poderiam estabelecer dribles. É o que nos atenta à senhora J.M.N.,

“Ah! Ah! Só iam acompanhada, e nessa época, eu vou ti falá, num é que nem hoje, é..., se o rapaz, é, pegasse meno na mão da moça... Ah! Minha fia, era, saia da sala... então,... sai de sala logo porque... é, é... aí nem beijim, num tinha essa história de bejo, nem nada,... podia inté acontecer, purquê toda vida foi meio assim, né, mais escondido das mães, dos pais, inté acontecia né,... Eu era muito sapeca aí eu, no tempo que ia pros forró... minha mãe... sempre gostava de butá nós na frente, e ela ficá atrás, né, aí nós sempre, e foi num foi, fazia umas besteiras, pegava na mão dele, tudo mais, soltava de um momento, soltava ligerinho, avechado... porque aí tinha... mode ela num vê.. era assim desse jeito.”

Neste sentido, emerge um compartilhamento com ALBUQUERQUE JR. (2007), quando este propõe,

“A História seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A História é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitados, são capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição da repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado.” (p.173)

Pensar a historia, nesta concepção, é percebê-la como arte inventada por sujeitos que atuam no cotidiano, construindo saberes e significando-os em meio às metamorfoses que as experiências gestam. A história emerge como fabricação dos sujeitos a partir de suas narrativas, de suas linguagens construídas. O homem fabricado pelos saberes utiliza-se da linguagem para falar sobre si, narrar sobre si e sobre o(s) outro(s). O historiador e seus depoentes, neste sentido, narram, de formas diferentes, a si e aos outros, a partir de suas significações sobre o mundo, sobre a(s) cultura(s) que lhe cercam.

---

<sup>9</sup> Corpo como construção social e cultural.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES ORAIS

Entrevista realizada com o senhor C.L.C. (62 anos) na data de 04/11/2007.

Entrevista realizada com a senhora J.M.N. (69 anos) na data de 20/10/2007.

Entrevista realizada com a senhora A.P.S.S. (66 anos) na data de 24/09/2009.

Entrevista realizada com o senhor D.F.S. (83 anos) na data de 01/10/2009.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 151-165.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-27.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-98.

SILVEIRA, Paulo Webber da. **Guia dos namorados**. São Paulo: Prelúdio, 1959.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.